

ESTUDO DA PERCEÇÃO DA QUALIDADE AMBIENTAL POR MEIO DO MÉTODO FENOMENOLÓGICO

study of the environmental quality perception through phenomenological method

Franco Porto dos Santos *

Lucas Barbosa e Souza **

Resumo

Este trabalho procurou analisar a qualidade ambiental do bairro Santa Cruz, no município baiano de Luís Eduardo Magalhães, por meio da abordagem perceptiva norteada pelos princípios do método fenomenológico. Considera-se que a qualidade ambiental é, em parte, objeto da percepção humana, portanto também subjetiva. Os resultados demonstraram, dentre outros aspectos, que os sujeitos investigados geralmente percebem de modo mais claro e intenso os aspectos do bairro relacionados à infraestrutura, às questões sociais e à saúde pública. As questões relacionadas à disposição inadequada de resíduos sólidos, ao esgoto a céu aberto, à falta de arborização e à poluição sonora e do ar são pouco percebidas ou não percebidas como problemas que afligem ao bairro, talvez por não serem prioridade para essas pessoas que têm necessidades mais urgentes, principalmente relacionadas ao trabalho/emprego, à moradia, à saúde e à segurança.

Palavras-chaves: Qualidade Ambiental; Método Fenomenológico; Percepção Ambiental; Luís Eduardo Magalhães (BA).

Abstract

This study aimed to analyze the environmental quality of the Santa Cruz district, in the municipality of Luís Eduardo Magalhães, Bahia State (BA), Brazil, through the perceptive approach guided by the principles of the phenomenological method. Environmental quality is in part considered object of human perception and thus subjective. Results showed among other things that the investigated individuals generally perceive in a clear and intense way the neighborhood aspects related to infrastructure, social issues, and public health. The issues related to improper disposal of solid waste, open sewers, afforestation absence, noise, and air pollution are poorly perceived or not perceived as problems that plague the neighborhood, maybe because they are not priority for these people who have most urgent needs, especially related to labor/employment, housing, health, and safety.

Key words: Environmental Quality; Phenomenological Method; Environmental Perception; Luís Eduardo Magalhães (BA), Brazil.

Resumen

Este estudio trata de analizar la calidad ambiental del barrio de Santa Cruz, del municipio Luís Eduardo Magalhães, de Bahía, a través del enfoque perceptivo guiado por los principios del método fenomenológico. Se considera que la calidad del medio ambiente es, en parte, objeto de la percepción humana y, por lo tanto, también es subjetiva. Los resultados mostraron, entre otras cosas, que los sujetos investigados, en general, perciben con mayor claridad y intensidad los aspectos del barrio relacionados con la infraestructura, problemas sociales y de salud pública. Las cuestiones relacionadas con la inadecuada disposición de los residuos sólidos, las alcantarillas abiertas, la falta de árboles y la contaminación acústica y del aire están poco percibidos o no percibidos como problemas que afectan a la zona, tal vez porque no son una prioridad para estas personas que tienen necesidades más urgentes, sobre todo relacionadas con el trabajo / empleo, vivienda, salud y seguridad.

Palabras clave: Calidad Ambiental; Método Fenomenológico; Percepción Ambiental; Luís Eduardo Magalhães (BA).

(*) Doutorando em Ecologia pela Universidade Federal da Bahia - Rua David Bueno, 316, CEP: 47.800-276, Barreiras (BA), Brasil. Tel: (+55 77) 3612-0194 - francobio@hotmail.com

(**) Prof. Dr. da Universidade Federal do Tocantins - Rua 07 Quadra 15 S/N, CEP: 77.500-000, Porto Nacional (TO), Brasil. Tel: (+55 63) 3363-0552 - lbsgeo@uft.edu.br

INTRODUÇÃO

A qualidade ambiental, apesar de tipicamente ser abordada segundo critérios objetivos das ciências físico-naturais, também constitui objeto da percepção humana e, por isso, pode ser também avaliada por intermédio da subjetividade daqueles que vivenciam um dado ambiente (GOMES; SOARES, 2004). Talvez por isso, Machado (1990, p. 50) esclarece que é importante a “avaliação do nível de satisfação que cada grupo tem junto ao espaço que lhe é reservado [...] uma vez que a percepção é sempre acompanhada pela atribuição de valor”.

Conforme Amorim Filho (1999, p. 141), a indiferença, a afeição ou a aversão do homem pelos lugares com os quais tem alguma forma de contato são sentimentos e valores “que, seguramente, têm um papel importante (em muitos casos, decisivo) na formação de juízo de valor, de atitudes e, em última análise, de ações sobre os lugares e paisagens”. Lynch (1999, p. 331) explica que “os locais não são apenas o que são, mas a percepção que temos deles”. Para ele, “os locais têm um sentido maior ou menor, tal como os acontecimentos. As atividades e as celebrações associadas a um local apoiam a sua percepção, desde que sejam elas próprias percebidas como vívidas e coerentes” (LYNCH, 1999, p. 127).

Tuan (1983), por sua vez, relata que é preciso conhecer a qualidade e a intensidade da experiência do homem com o ambiente para se conhecer a identidade do lugar. De modo especial, torna-se fundamental o estudo da qualidade ambiental urbana pelo viés da percepção dos moradores, haja vista que parte dos problemas ambientais observados está associada aos impactos dos processos de urbanização e das atividades em meio urbano, tornando-se foco de atenção na atualidade por mostrarem um quadro evolutivo de agravamento e fazerem parte do rol de preocupações da sociedade (CARVALHO, 2007).

Em Luís Eduardo Magalhães (LEM), a ampliação das áreas urbanas ocorreu de forma rápida, desordenada e, conseqüentemente, sem um planejamento adequado, sendo este um dos motivos pelos quais a cidade vem sofrendo com problemas ambientais. Situações como presença de esgoto a céu aberto, disposição inadequada de resíduos sólidos, poluição sonora e do ar se tornaram frequentes, especialmente no bairro Santa Cruz, que segundo Oliveira (2012), sofreu desde o início de sua ocupação, em 1986, um processo de periferização planejada, que ocasionou uma segregação socioespacial da cidade.

Assim, o presente trabalho buscou analisar a qualidade ambiental do bairro Santa Cruz por meio da abordagem perceptiva. Tal abordagem baseou-se nos princípios do método fenomenológico, tomando como referência os procedimentos sugeridos por Giorgi (2008). Dessa maneira, buscou-se compreender melhor as inter-relações entre o homem e o ambiente, suas expectativas, anseios, satisfações e insatisfações, julgamentos e condutas.

A PERCEPÇÃO AMBIENTAL E SEU CARÁTER FENOMENOLÓGICO

A fenomenologia é uma “corrente filosófica que analisa os fenômenos sob a ótica da subjetividade”, sendo iniciada pelo pensador austríaco Edmund Husserl (1859-1938) na Alemanha, no final do século XIX (MIRANDA, 2010, p. 17). Segundo Souza (2013, p. 35), “a Fenomenologia foi originalmente pensada como método rigoroso voltado ao estudo da subjetividade”, devido à insatisfação de Husserl com o domínio do pensamento positivista da época, o que o fez dedicar-se aos “fenômenos manifestados à consciência, a partir das vivências humanas, de modo complementar aos elementos da existência factual, habitualmente estudados pelas ciências físico-naturais” (SOUZA, 2013, p. 35).

Para Zilles (2007), Husserl, desde o começo, tinha o objetivo de superar a oposição entre objetivismo e subjetivismo, pois naquele período ainda reinava um fascínio pelo ideal do conhecimento das ciências da natureza. Ele queria “satisfazer à objetividade do conhecimento, seja ele ideal ou real, e à subjetividade do cognoscente” (ZILLES, 2007, p. 216-217). Além disso, “no final do século

XIX, a psicologia não só gozava de amplo prestígio, mas para muitos parecia a chave de explicação da teoria do conhecimento e da lógica” (ZILLES, 2007, p. 216-217). Para contestar também essa ideia, ainda segundo o autor acima, Husserl elaborou o método fenomenológico, produzindo uma grande obra em extensão e profundidade que desafia seus intérpretes até hoje.

Em seus estudos, Husserl aborda o conhecimento humano, com destaque para a percepção. Ele destaca que estamos em contato, através das sensações, com o mundo físico, que é percebido por nós. “A percepção é uma porta, uma forma de ingresso, uma passagem para entrar no sujeito, ou seja, para compreender como é que o ser humano é feito” (BELLO, 2006, p. 30). Frequentemente, a percepção é entendida como o caminho complexo de se obter informação acerca do mundo que nos rodeia, através dos nossos sentidos para, posteriormente, se apreender essa informação na consciência.

Em outras palavras, sob um ponto de vista psicológico, a percepção indica o processo pelo qual a estimulação sensorial é transformada em experiência organizada. Dado qualquer objeto no mundo ao nosso redor, objeto esse que nós percebemos através dos sentidos, o “fenômeno” é a percepção desse objeto que se torna visível à nossa consciência (MOREIRA, 2004). Este autor defende que Husserl propõe a “volta às coisas mesmas”, interessando-se pelo puro fenômeno tal como se torna presente e se mostra à consciência, evocando um entendimento de cunho filosófico para a percepção. A apreensão, a análise e a descrição que assim concebe nossa consciência constituem, desse modo, o objeto primário da fenomenologia:

O que aparece na consciência é o fenômeno. (Fenômeno) significa trazer à luz, colocar sob iluminação, mostrar-se a si mesmo em si mesmo, a totalidade do que se mostra diante de nós... Assim, a máxima da fenomenologia: a volta às próprias coisas. Num sentido amplo, aquilo que aparece provê o ímpeto para a experiência e para a geração de novo conhecimento. Os fenômenos são os blocos básicos da ciência humana e a base para todo o conhecimento. Qualquer fenômeno representa um ponto de partida desejável para uma investigação. O que é dado em nossa percepção de uma coisa é sua aparência, e esta não é uma ilusão vazia. Serve como o começo essencial de uma ciência que busca determinações válidas que são abertas à verificação de qualquer um. (MOREIRA, 2004, p. 228).

Em se tratando de percepção ambiental, Ferreira (2005) relata que a mesma habitualmente unifica abordagens psicológicas, geográficas, biológicas e antropológicas, objetivando o entendimento sobre os fatores, os mecanismos e os processos que motivam o ser humano a ter percepções e comportamentos distintos em relação ao meio ambiente. Em termos filosóficos, segundo uma orientação fenomenológica, a percepção é compreendida como um tipo de vivência e como experiência transcendental. No entanto, para os estudos ambientais de caráter subjetivo, não é apenas a vivência da percepção o que interessa, mas todo o conjunto de outras vivências relacionadas ao meio ambiente.

Miranda (2010) deixa claro que a percepção está relacionada a outros tipos de vivências de ordem concreta (a reflexão, a lembrança, a imaginação etc.), o que justifica o seu estudo no campo ambiental, pois ela influencia o sujeito, em última instância, a adotar determinadas atitudes e valores em relação aos espaços, paisagens, lugares e conseqüentemente, ao meio ambiente. Por conseguinte, numa perspectiva fenomenológica, os julgamentos, as expectativas, as ações e as condutas do homem em relação ao seu ambiente estão relacionados às experiências e vivências dos sujeitos, o que não pode ser explicado somente à luz do método científico tradicional.

Assim, a percepção ambiental pode ser definida como uma tomada de consciência do ambiente pelo homem, ou seja, o ato de perceber o ambiente em que se está inserido. Cada indivíduo percebe, reage e responde diferentemente às ações sobre o ambiente em que vive, sendo estas manifestações resultado da subjetividade de cada pessoa (FAGGIONATO, 2010). Para a UNESCO (1973), uma das grandes dificuldades para a proteção dos ambientes naturais está na existência de diferenças nas percepções dos valores e da importância dos mesmos entre os indivíduos de culturas diferentes



ou de grupos sociais que desempenham funções distintas nesses ambientes, pois cada indivíduo os percebe de modo distinto.

As respostas ou manifestações daí decorrentes são resultados das percepções (individuais e coletivas), dos processos cognitivos e demais vivências, dos julgamentos e das expectativas de cada pessoa. Desta forma, o estudo da percepção ambiental é de fundamental importância para que possamos compreender melhor as inter-relações entre o homem e o ambiente, suas expectativas, anseios, satisfações e insatisfações, julgamentos e condutas. Okamoto (1996) salienta que a percepção ambiental abrange a compreensão das inter-relações entre o meio ambiente e os atores sociais, ou seja, como a sociedade percebe o seu meio circundante, expressando suas opiniões, expectativas e propondo linhas de conduta.

Dessa forma, os estudos que se caracterizam pela aplicação da percepção ambiental objetivam investigar a forma como o homem enxerga, interpreta, convive e se adapta à realidade do meio em que vive, principalmente em se tratando de ambientes instáveis ou vulneráveis social e naturalmente. Em termos de método, a percepção ambiental pode comportar diferentes orientações e abordagens, tais como àquelas ligadas a correntes específicas das ciências psicológicas e também de caráter filosófico, como o método fenomenológico.

Conforme Souza (2013), a fenomenologia de Husserl se apoia na ideia de estrutura transcendental do indivíduo, capaz de ir além do objeto físico por meio de vivências. Significa que o interesse está voltado à essência ou ideia do fenômeno, a partir da percepção do outro (o sujeito), e não do próprio pesquisador. Assim, a abordagem fenomenológica sobre um problema ambiental não estará focada no problema em si, mas no problema ambiental conforme vivido e experimentado pelos moradores do local, sendo esta a justificativa para a escolha do método fenomenológico como caminho para se estudar a percepção ambiental.

Em termos pragmáticos, para um melhor planejamento e compreensão do ambiente urbano, fazem-se necessários estudos que enfoquem a percepção da população em relação ao meio ambiente, pois no uso cotidiano dos espaços, dos equipamentos e dos serviços urbanos, a população sente diretamente o impacto da qualidade ambiental (DEL RIO; OLIVEIRA, 1999). Além disso, a percepção ambiental pode ser utilizada para avaliar a degradação ambiental de determinado espaço e metodologias de educação ambiental poderão ser propostas ou analisadas utilizando-se desses estudos.

CARACTERIZAÇÃO DA ÁREA DE ESTUDO

O município de Luís Eduardo Magalhães, localizado na região Oeste da Bahia, faz divisa com o estado do Tocantins e tem 13 anos de emancipação política. Nesse período, aumentou em mais de 200% a sua população, passando de 18 mil habitantes (às vésperas da emancipação, em 2000), quando a localidade ainda era distrito do município de Barreiras e se chamava Mimoso do Oeste, para os mais de 60 mil habitantes que apresenta atualmente (IBGE, 2011a; 2011b).

Esse grande crescimento se deu em função do município estar inserido numa região de fronteira agrícola e se tornar um dos mais importantes polos do agronegócio do Brasil. No entanto, apesar de todo esse crescimento econômico, a cidade apresenta sérios problemas ambientais e de infraestrutura, o que em parte pode ser justificado pelo seu exagerado aumento populacional em curto intervalo de tempo.

O bairro Santa Cruz corresponde à primeira área periférica da cidade, sendo criado no ano de 1986, quando LEM ainda era apenas um povoado do município de Barreiras. Conforme Oliveira (2012), o setor imobiliário e a elite local determinaram o processo de periferação planejada do referido bairro, que ocorreu precocemente, ocasionando uma nítida segregação socioespacial na cidade.

Santos (2008) também cita o bairro Santa Cruz em sua tese, ao afirmar que as desigualdades econômicas e sociais são realçadas no município, que é considerado exemplo de desenvolvimento



para o modelo agrícola implantado na região. Para ele, o referido bairro é onde reside uma parcela de trabalhadores rurais desempregados e trabalhadores que exercem atividades de uma economia submergida, ou seja, da economia informal, muitas vezes como autônomos ou fazendo apenas os chamados “bicos” temporários.

Ainda segundo o autor, no referido bairro, a violência, a prostituição infantil e as drogas convivem com o esgoto correndo a céu aberto e, por ser tão violento, até poucos anos atrás era conhecido popularmente como “Iraque”, em referência ao país que apresenta caráter belicoso e de constantes disputas e guerras. Para Vieira (2007), o bairro Santa Cruz foi criado pelos agentes imobiliários que, percebendo a leva de imigrantes com baixa ou nenhuma renda que chegava à cidade, delimitaram uma área para lotes menores e mais baratos, destinados a esta população. Hoje, o bairro se diferencia dos demais devido à precária infraestrutura, com habitações improvisadas ou avenidas de lotes subdivididos para moradia de várias famílias.

Apesar de todos os aspectos negativos relatados anteriormente, observa-se que o bairro vem melhorando significativamente suas condições urbanísticas, por meio da maior presença do poder público mais recentemente, que começa a perceber a necessidade de um tratamento prioritário que o mesmo requer. Além disso, atualmente, segundo informações da Prefeitura Municipal, o bairro conta com sete escolas municipais, uma escola estadual e uma creche, sendo atendidos mais de 5.500 estudantes. Possui também duas unidades de saúde e é onde se localizam o Centro de Educação Ambiental e o Viveiro de Mudas do município, o Mercado Municipal e a Companhia da Polícia Militar.

Adicionalmente, tem-se observado construções importantes em curso no âmbito de praças e escolas públicas, ginásio de esportes, estádio municipal, assim como pavimentação de vias públicas, situações verificadas durante os trabalhos de campo. Todavia, o bairro ainda mantém boa parte de suas características iniciais, em especial por conta dos problemas relacionados à ineficiência dos serviços de saneamento básico, o que contribui para deterioração da qualidade de vida de seus habitantes.

METODOLOGIA

A seleção do bairro Santa Cruz para estudo de caso sobre a percepção ambiental ocorreu a partir do destaque que o mesmo teve no estudo das reclamações ambientais registradas na Secretaria Municipal de Meio Ambiente de Luís Eduardo Magalhães. Nos três primeiros anos de funcionamento do órgão público, o bairro foi aquele que teve o maior número de queixas registradas, segundo Santos e Souza (2013). Além disso, o mencionado bairro é o mais populoso e um dos mais antigos da cidade, além de apresentar os maiores déficits de infraestrutura, atualmente.

O grupo investigado foi composto por 20 pessoas, sendo o número de sujeitos abordados na pesquisa determinado em função do caráter perceptivo e subjetivo da mesma. A escolha de uma amostra estatística de indivíduos não é o fator mais importante, haja vista que o estudo em questão não objetiva extrapolar os resultados para uma população, mas apenas caracterizar o grupo selecionado, conforme as diretrizes mencionadas para os estudos de caso.

Para Moreira (2002), a amostra utilizada no método fenomenológico nunca é muito grande, uma vez que o objetivo é realizar uma abordagem subjetiva de caráter mais profundo, o que seria pouco viável com grandes grupos de sujeitos. Em seu livro, Moreira (2002) faz a exemplificação concreta de cinco estudos construídos por meio do método fenomenológico, sendo que em todos eles as amostras eram pequenas, em torno de 10 sujeitos ou menos.

O trabalho consistiu em coletar descrições de 20 moradores do bairro Santa Cruz por meio de dois enunciados chave: “como você descreve o bairro Santa Cruz?” e “como você descreve o meio ambiente do bairro Santa Cruz?”. Tiveram, respectivamente, o objetivo de verificar a percepção dos moradores sobre o bairro onde moram e se os aspectos da questão ambiental surgem em algum momento na descrição; e de verificar, em seguida, a percepção dos moradores especificamente



sobre as questões ambientais do bairro e sobre o próprio conceito de meio ambiente norteador de suas descrições.

Desse modo, foi levado em consideração o grau de aprofundamento a partir da coleta de descrições, que é um procedimento típico da investigação fenomenológica, uma vez que não se trata de uma pergunta detalhadamente formulada, mas apenas a solicitação de uma livre descrição sobre um determinado fenômeno, sendo permitido ao sujeito descrevê-lo sob o viés que julgar mais significativo. O próprio viés selecionado para a descrição, além do sentido atribuído ao fenômeno, constituem resultados a serem considerados pela pesquisa. Assim, busca-se minimizar a interferência do pesquisador e a introdução de vieses previamente estabelecidos.

As descrições foram trabalhadas com base no método fenomenológico, seguindo as orientações de Giorgi (2008), que propõe uma adaptação do método para o campo das pesquisas empíricas em ciências humanas. Foi realizada a redução fenomenológica de todas as descrições e, posteriormente, a identificação das essências, conforme o exemplo abaixo, referente ao sujeito D2, que mora no local há mais de 12 anos.

Descrição do Bairro Santa Cruz

O bairro Santa Cruz é um bairro bom pra se morar. Tem tudo que a gente quer, tem escolas, tem nossa feira livre, tem as quadras. Eu acho que é um ótimo bairro. É um bairro muito bom.

Redução Fenomenológica

O bairro é avaliado positivamente para moradia, pois é atendido, dentre outras coisas, por escolas, feira livre de abastecimento e comércio diversificado.

Essência Identificada

Bairro bem avaliado para moradia, pela oferta de comércio e serviços.

A descrição apresentada é a transcrição integral da fala do sujeito em resposta ao enunciado apresentado. Segundo Giorgi (2008), busca-se obter uma descrição concreta da experiência e dos atos do sujeito. A redução fenomenológica é a descrição reapresentada na linguagem da pesquisa. Já a essência identificada é a estrutura do fenômeno, obtida pela identificação da unidade de significado expressa na fala do sujeito, a partir da releitura da descrição e da redução.

Esse procedimento possibilitou a definição das essências de todos os sujeitos e a elaboração de duas tabelas, que contêm a sistematização e a categorização dos resultados alcançados, ou seja, representa a síntese das essências (unidades de significação). Algumas descrições apresentaram sentido único, sendo identificada uma essência apenas. Entretanto, em outras, foram observadas mais de uma essência, por conta dos múltiplos sentidos atribuídos na mesma descrição.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O grupo de sujeitos participantes da investigação foi composto por 12 mulheres e oito homens. São pessoas de escolaridade variada, sendo que a maioria reside na cidade há mais de 13 anos. É possível afirmar que os sujeitos da pesquisa têm experiência mais que suficiente no local, haja vista que 11 pessoas estão instaladas no Santa Cruz desde antes da emancipação do município em 2000, alguns desde o início de sua ocupação em 1986 e, por isso, tiveram oportunidades de acompanhar todo o processo de crescimento do bairro. Diante do exposto, percebe-se que houve certo equilíbrio na distribuição dos sujeitos pelo gênero, nível de escolaridade e tempo de moradia no bairro.

Os sujeitos fizeram as descrições de maneira livre e espontânea, relatando o que julgassem pertinentes quando levados a descrever o bairro Santa Cruz e o seu meio ambiente. A discussão dos resultados tomou como base a síntese das essências identificadas no conjunto das descrições dos sujeitos, que foram sistematizadas na Tabela 1, que corresponde à descrição do bairro Santa Cruz, e na Tabela 2, referente às descrições do meio ambiente do bairro Santa Cruz.

Tabela 1 - Essências identificadas na descrição do bairro Santa Cruz

Essências Identificadas	Descrições/Sujeitos	Frequência
Bairro sem planejamento e sem infraestrutura, com pouca presença do poder público e falta de pavimentação nas ruas.	D3, D6, D10, D12, D17, D19, D20	07
Bairro com sérios problemas sociais relacionados à violência e insegurança, às drogas e à prostituição.	D1, D3, D4, D16, D18	05
Bairro com carência de serviços públicos na área de saúde.	D1, D9, D11, D14	04
Bairro bem avaliado para moradia, pela oferta de comércio e serviços.	D2, D7, D9, D10	04
Bairro com muita sujeira nas ruas, ocasionada pela disposição inadequada de lixo e pela falta de limpeza pública.	D5, D8, D15	03
Bairro de classe baixa, com moradores carentes.	D16, D18, D19	03
Bairro com muita poeira, ocasionada pela falta de pavimentação nas ruas.	D10, D4	02
Bairro com muita poluição sonora.	D4, D15	02
Bairro em pleno desenvolvimento, com melhorias em curso principalmente na infraestrutura.	D9, D13	02
Bairro com trânsito inadequado, pelo desrespeito por parte de motoristas e pedestres.	D15	01

Fonte: Pesquisa de Campo.

Ao descreverem o bairro Santa Cruz, as essências que mais se destacaram estavam relacionadas aos aspectos de infraestrutura do bairro e às questões sociais e de saúde pública. No geral, as essências mais recorrentes indicam a principal forma de percepção dos moradores, embora as essências com pouca frequência também mereçam destaque. Assim, serão apresentadas as essências e as descrições que refletem a percepção dos sujeitos sobre o bairro Santa Cruz sob o olhar dos seus próprios moradores. Para fins de ilustração, serão apresentadas apenas algumas descrições, na forma como foram originalmente transcritas.

A essência mais representativa foi “bairro sem planejamento e sem infraestrutura, com pouca presença do poder público e falta de pavimentação nas ruas”, que estava presente em sete descrições. O bairro é uma área de ocupação popular e historicamente pouco provida de infraestrutura urbana, apresentando problemas como vias sem pavimentação. A essência pode ser exemplificada por meio da descrição abaixo:

É um bairro que não tem infraestrutura nenhuma, pois aqui na parte baixa não tem asfalto [...] (Sujeito D17).

A falta de pavimentação nas ruas, não só do bairro Santa Cruz, mas também de outros bairros mais antigos da cidade, é um problema que pode ter sido ocasionado pelo acelerado crescimento da cidade e pela falta de previsão legal de alguns aspectos do planejamento urbano, já que, por exemplo, parte da definição dos critérios de aprovação de novos loteamentos, como a exigência de pavimentação de ruas, surgiu efetivamente apenas com o Plano Diretor Urbano (Lei Municipal nº 255), elaborado somente em 2007.

Nessa mesma lei, os loteamentos ficaram obrigados a executar, à custa do empreendedor, no prazo fixado pelo Município e de acordo com os respectivos projetos, as obras de locação de ruas, quadras e lotes; assentamento de meios-fios e sarjetas; construção de rede de escoamento de águas pluviais; pavimentação de todas as ruas; delimitação das áreas verdes e das destinadas aos equipamentos públicos; outras obrigações constantes do Termo de Acordo e Compromisso; construção da rede de abastecimento de água potável; assentamento de redes de esgotamento sanitário; colocação de rede de iluminação pública e de fornecimento de energia elétrica (LUÍS EDUARDO MAGALHÃES, 2007).

Dessa forma, apenas os loteamentos mais recentes, até então, gozam de uma infraestrutura que atenda, de maneira mais abrangente, aos requisitos dispostos no Plano Diretor Urbano, restando ao



poder público executar as obras necessárias naqueles mais antigos, como é o caso do Santa Cruz. Segundo Oliveira (2012, p. 74),

Os moradores do Santa Cruz só conseguiram uma maior assistência e infraestrutura para o bairro a partir da fundação da Associação dos Moradores do Aracruz - (AMA), em 18 de fevereiro de 1994. Pois ainda não havia água, luz, coleta de lixo, etc.; segundo informações de moradores locais e da própria associação. Atualmente o poder público se faz um pouco mais presente, todavia se apresenta bastante precário no quesito infraestrutura, ruas sem calçamento e por a rede de esgoto ser uma obra inacabada, muitos moradores lançam o esgoto na rua, falta áreas de lazer como praças e quadra de esportes, além da necessidade de ampliação na área de saúde e para o funcionamento de algumas escolas a prefeitura utiliza de espaços alugados.

A segunda essência mais representativa, com cinco ocorrências, foi “bairro com sérios problemas sociais relacionados à violência e insegurança, às drogas e à prostituição”, conforme descrição abaixo.

[...] Aí tem a questão da violência, porque onde se tem muita gente morando por metro quadrado, o que dá é a violência. Aí temos o exemplo do bairro Independência, que tem 194 famílias onde só caberia a metade. Aí ficam todos espremidos. Brigam por qualquer motivo, homicídio por qualquer motivo. E é o seguinte, aqui no bairro Santa Cruz ninguém conhece ninguém, não sabe de onde vêm essas famílias. A assistência social tem que melhorar, entra prefeito sai prefeito e nada melhora. Aí vem a questão das drogas que nossos jovens são usuários de droga do crack e não tem centro de reabilitação. Promotoria não pode fazer muita coisa porque não tem onde colocar esses menores, aí acontece que quem sofre é a população. A maioria dos homicídios que acontecem no bairro Santa Cruz é relacionada às drogas, relacionado muitas vezes com o crack. Aí acontece que a gente vê as mães pedindo ajuda e não sabe pra quem recorrer. Agora tem aqui o CAPS 1, mas não cuida dessas pessoas viciadas” (Sujeito D3).

A violência, a prostituição e as drogas são temas recorrentes em estudos realizados no bairro Santa Cruz, a exemplo de Vieira (2007), Santos (2008) e Oliveira (2012). Para esta última, o bairro sofre com esses problemas devido à desigualdade social e à segregação existentes, que são reflexos da própria organização e produção do espaço. Segundo a autora, em recente pesquisa sobre as desigualdades socioespaciais na cidade de Luís Eduardo Magalhães, o bairro Santa Cruz era composto, desde a criação do loteamento, em 1986, por imigrantes, grande parte baianos, que vinham em busca de trabalho nas fazendas.

Dessa maneira, os que chegavam compravam os lotes nesta área e construíam barracos de lona, por falta de condições de investirem na construção da própria casa (OLIVEIRA, 2012). Segundo informações de moradores, coletadas pela pesquisadora, em novembro de 2011, não havia nenhuma infraestrutura no local e os mesmos tinham que utilizar luz de velas e água do rio ou de cisternas. Ainda segundo Oliveira (2012, p. 72):

Portanto, constituiu e constitui-se o bairro Santa Cruz, em sua grande maioria trabalhador de classe menos favorecida que compram os lotes e aos poucos vão construindo sua moradia. Alguns encontraram outra maneira para obter seu local de moradia: compram o lote parcelado e constroem um ou dois quatinhos, residindo em um deles e alugando o outro, efetuando o pagamento da parcela do lote com o valor recebido deste aluguel.

Estas relações socioespaciais suscita nesta área urbana um aspecto de desorganização devido a uma não padronização em relação à habitação, além de demonstrar a capacidade que esta população de baixa renda tem de se ajustar as exigências do sistema para ter o direito à habitação.

A terceira essência mais representativa, que foi “bairro com carência de serviços públicos na área de saúde”, pode ser observada na descrição seguinte:



O bairro para o povo tá péssimo. A saúde falta tudo, não tem médico nos postos. O que mais precisamos aqui é da área da saúde, não temos médicos, as pessoas que fazem pré-natal têm reclamado bastante [...] (Sujeito D1).

Observa-se a partir da análise das três essências mais recorrentes, que não houve uma abordagem especificamente direcionada ao meio ambiente ou aos problemas ambientais típicos do bairro, tais como esgoto a céu aberto, disposição inadequada de resíduos sólidos, falta de arborização, poeira e poluição sonora. Isso talvez se justifique devido a estas questões não serem uma prioridade para essas pessoas que têm necessidades mais urgentes para resolver, principalmente relacionadas ao trabalho/emprego, à moradia, à saúde e à segurança.

Assim, pensam primeiro no próprio bem estar e/ou qualidade de vida, em especial proporcionados pela infraestrutura e pelos serviços públicos. Sendo assim, os problemas ambientais, quando aparecem nas demais descrições, foram também descritos porque interferem diretamente na vida dessas pessoas, afetando seu bem estar em curto prazo, e não porque podem trazer danos à natureza e causar agravantes à população, a médio e longo prazos, por exemplo. Para Rodrigues (1998), a questão ambiental deve ser compreendida como um produto da intervenção da sociedade sobre a natureza, ou seja, diz respeito não apenas a problemas relacionados à natureza, mas às problemáticas decorrentes da ação social.

Apesar dos problemas de caráter social relatados na maioria das descrições, a quarta essência mais representativa foi “bairro bem avaliado para moradia, pela oferta de comércio e serviços” com quatro ocorrências. Alguns sujeitos descreveram o lado positivo do bairro, como uma população acolhedora e o fato dele ter os serviços dos quais precisam, como escolas e feira de abastecimento ou mercado municipal. Isso porque no bairro há um subcentro da cidade de LEM, onde se tem uma rede diversificada de comércio, bastante utilizada pela população local, não havendo a necessidade de deslocamento até o centro da cidade, para diversas finalidades. No exemplo a seguir, a descrição relata os pontos positivos do bairro Santa Cruz:

O bairro Santa Cruz é um bairro bom pra se morar. Tem tudo que a gente quer, tem escolas, tem nossa feira livre, tem as quadras. Eu acho que é um ótimo bairro. É um bairro muito bom (Sujeito D2).

Essa descrição foi realizada por um morador natural de outra cidade do interior baiano e que reside no bairro há 12 anos. Talvez por isso os laços topofilicos com o lugar são mais acentuados, pois estes dependem da duração e da intensidade da experiência com o mesmo (TUAN, 1983). Além disso, as relações de vizinhança e de parentesco também reforçam os laços sociais entre os moradores, contribuindo para uma situação de pertencimento.

Lynch (1999, p. 179) explica que “algumas pessoas imaginam a cidade ideal como sendo um grande centro onde cada pessoa tem fácil acesso a uma enorme variedade de bens, de serviços e a outras pessoas”. Isso justifica a descrição do sujeito D2, pois no Santa Cruz há um subcentro comercial e uma oferta considerável de escolas e de serviços, permitindo que os moradores muitas vezes consigam resolver suas necessidades no próprio bairro, sem precisar de grandes deslocamentos pela cidade, conforme mencionado.

Os aspectos mais específicos ligados às questões ambientais nas descrições dos moradores surgiram com enfoque nos problemas ambientais tipicamente urbanos. Apenas cinco descrições abordaram essências nesse sentido, sendo que a essência que teve a quinta maior frequência, com três ocorrências, foi a de “bairro com muita sujeira nas ruas, ocasionada pela disposição inadequada de lixo e pela falta de limpeza pública”. A descrição que segue ilustra esse tipo de percepção:

Aqui é um bairro assim, que não é, como se diz, não muito limpo. Os moradores são os primeiros, como se diz, a não manter o bairro limpo né? Tipo que nem aqui na frente da minha casa, todo dia eu varro a frente da minha casa, mas tem os vizinhos do lado que jogam sujeira, não limpam, tudo que pega joga no meio da rua e não tem como manter a rua limpa (Sujeito D5).



Para Mucelin e Bellini (2008, p. 113) “é inevitável a geração de lixo nas cidades devido à cultura do consumo”. Segundo os autores, é comum observarmos nas cidades hábitos de disposição final inadequados de lixo, pois materiais sem utilidade se amontoam indiscriminada e desordenadamente, muitas vezes em locais indevidos como lotes baldios e margens de estradas, ocasionando poluição visual, mau cheiro e contaminação do ambiente. As consequências ocasionadas pelo lixo nas ruas e em terrenos baldios, principalmente poluição visual e mau cheiro, geram sentimento de repúdio por parte dos moradores, que percebem essa situação como uma coisa ruim, embora, de acordo com Mucelin e Bellini (2008, p.113-114):

A vivência cotidiana muitas vezes mascara circunstâncias visíveis, mas não perceptíveis. Mesmo contemplando casos de agressões ao ambiente, os hábitos cotidianos concorrem para que o morador urbano não reflita sobre as consequências de tais hábitos, mesmo quando possui informações a esse respeito.

[...] As atividades cotidianas condicionam o morador urbano a observar determinados fragmentos do ambiente e não perceber situações com graves impactos ambientais condenáveis. Casos de agressões ambientais como poluição visual e disposição inadequada de lixo refletem hábitos cotidianos em que o observador é compelido a conceber tais situações como “normais”.

A sexta essência mais expressiva foi “bairro de classe baixa com moradores carentes”, também com três ocorrências. A descrição abaixo exemplifica essa percepção:

É considerado como se fosse um bairro mais pobre. Tem a divisa no meio que é a BR, aí tem a parte de cima que todos falam bem. Agora o bairro Santa Cruz todo mundo critica muito, porque é um bairro pobre, bastante morte no final de semana, violência, essas coisas (Sujeito D18).

Atualmente, o bairro é o mais populoso da cidade e concentra uma população de baixa renda, sofrendo dos problemas oriundos desse inchaço. A descrição ainda aborda um tema significativo, que retrata a divisão intraurbana ocasionada pelas rodovias BRs 020/242, que cortam a cidade. Tal divisão tem relação, inclusive, com a própria origem do bairro, que foi o segundo a ser criado na cidade, por volta de 1986.

Naquele período, existia o bairro Mimoso do Oeste (atualmente conhecido como Mimoso I) ao norte das referidas rodovias, que era ocupado especialmente por investidores e pelas famílias dos fazendeiros que chegavam à região, e o bairro Santa Cruz ao sul, destinado aos trabalhadores rurais que vinham trabalhar nas fazendas, pois os lotes tinham preços mais acessíveis. Dessa maneira, o Santa Cruz se tornou um reduto das pessoas de menor poder aquisitivo, o que contribuiu para que o bairro tivesse uma grande população. Além disso, confirma a divisão do espaço urbano por classe social (OLIVEIRA, 2012).

Oliveira (2012, p. 69) esclarece ainda que “A especulação imobiliária em Luís Eduardo Magalhães é muito forte e isto foi propagado desde o início de sua formação [...]. O que possibilitou de forma mais expressiva uma organização desde espaço urbano por classe social”. Além disso, a autora revela que o “outro lado” ou a “parte de cima”, termo utilizado na descrição do sujeito D18, “é como os moradores do bairro dizem quando fazem referência ao Centro, pois precisam atravessar a BR para chegar a tal destino ou talvez pelos processos sociais e históricos construídos ao longo do tempo” (OLIVEIRA, 2012, p. 69-70).

Para a autora, esse aspecto fortaleceu a alusão a localização dos moradores em relação aos outros bairros do lado oposto das rodovias. No entanto, pode representar uma divisão do espaço, uma representação carregada de significados moldados ao longo do seu processo de formação, faz uma referência a certa distância não só espacial (centro-periferia) como também social (OLIVEIRA, 2012).

Além disso, Santos et al. (2014) esclarece que a região de fronteira agrícola, onde o município de LEM está localizado, ao ser inserido numa tendência global, coloca-se como um espaço de “jogo” de forças entre espacialidades conflitantes, em que proprietários de terras, assalariados, trabalhadores camponeses, instituições nacionais e estrangeiras, gestores públicos e privados divergem quanto à concepção de trabalho, modelo de produção, propriedade da terra, percepção da paisagem e relações interpessoais.

Outra essência relacionada aos problemas ambientais foi “bairro com muita poeira, ocasionada pela falta de pavimentação das ruas”, que apareceu por duas vezes, haja vista que boa parte das ruas do bairro não tem pavimentação, o que favorece a proliferação de poeira. Deve-se levar em conta que as descrições foram coletadas na época da seca, quando o fenômeno se torna mais perceptível. Talvez seja por isso que os problemas relacionados à “lama” não tenham aparecido, pois caso a pesquisa fosse realizada na época da chuva, talvez esse resultado fosse diferente.

Isso mostra que a percepção também está ligada com a época do ano em que os dados são coletados, porque temos maior tendência a mencionar os problemas e as dificuldades que nos assolam no momento, sendo que o tempo, em geral, reduz gradativamente a importância do fato e até mesmo a sua simples lembrança (SOUZA, 2006). A descrição abaixo ilustra o problema:

Aqui é o seguinte, é muita poeira [...]. Aqui precisava melhorar mais um pouco [...] (Sujeito D4).

A essência que tratava da poluição sonora também apareceu por duas vezes, como se observa na descrição abaixo:

[...] Aqui é muito barulho, muita zoeira, muita bagunça. A gente mora aqui porque não tem outro lugar, mas gostar a gente não gosta não (Sujeito D4).

O bairro é tido como um setor de muitos bares, que fazem uso de som mecânico e/ou promovem apresentações ao vivo, principalmente no período noturno. Segundo Lacerda et al. (2005), o período noturno é aquele em que a maioria dos trabalhadores estão em casa, e portanto percebem mais prontamente as emissões sonoras, podendo se incomodar facilmente ao serem emitidos ruídos de maneira exagerada.

Além disso, há também muitos empreendimentos dos ramos de mecânica de automóveis e metalurgia, que por suas próprias características emitem ruídos em demasia, podendo afetar a qualidade de vida da população quando estão localizados próximos às residências. Essas duas situações foram reveladas pelos sujeitos anteriormente citados, no momento da coleta das descrições.

A essência “bairro em pleno desenvolvimento, com melhorias em curso principalmente na infraestrutura” também surgiu em duas descrições, conforme exemplo:

O bairro tá bem melhor, melhor do que era antes. Antes era muita poeira, muita lama. Agora tá ficando bem melhor (Sujeito D13).

Na percepção de alguns moradores, o bairro Santa Cruz vem passando, ao longo dos anos, por transformações em sua infraestrutura, o que tem melhorado a convivência deles no mesmo. Assim como relatado anteriormente, os trabalhos de campo para a coleta das descrições dos sujeitos revelaram que obras públicas estão em curso no bairro, o que certamente gera satisfação e contribui para uma melhor percepção por parte dos moradores.

A essência “bairro com trânsito inadequado, pelo desrespeito por parte de motoristas e pedestres” também surgiu em uma descrição, conforme se observa abaixo.

[...] É um bairro muito populoso, onde mora muita gente que não tem escrúpulos quanto ao uso do lixo e questões de trânsito [...] o povo anda na rua, e o carro tem que se esquivar no meio do povo (Sujeito D15).



No geral, ao fazerem as descrições sobre o bairro Santa Cruz, os moradores pouco levaram em consideração as questões ambientais, de modo direto e inequívoco. Talvez porque os problemas sociais já mencionados sejam motivos de maior preocupação por parte dos moradores e, por isso, sejam mais percebidos por eles. Apenas cinco descrições abordaram mais diretamente questões ambientais e todas relacionadas a problemas como o lixo, a poluição do ar e a poluição sonora.

A seguir, será apresentada a tabela de essências (Tabela 2) correspondente à descrição do meio ambiente do bairro Santa Cruz.

Tabela 2 - Essências identificadas na descrição do meio ambiente do bairro Santa Cruz

Essências Identificadas	Descrições/Sujeitos	Frequência
Problemática do lixo disposto irregularmente, pela falta de consciência dos moradores e de interesse do poder público.	D5, D8, D12, D15, D17, D19, D20	07
Carência de árvores no bairro e necessidade de arborização.	D2, D8, D10, D11, D16, D20	06
Problemática do esgoto a céu aberto, pela falta de sistema de esgotamento sanitário no bairro.	D1, D3, D17, D19	04
Não sabe descrever o meio ambiente do bairro.	D13, D18	02
Excesso de poeira no bairro, pela falta de pavimentação nas ruas.	D8, D14	02
Funcionamento de empreendimentos comerciais fora das normas, que jogam esgoto na rua e perfuram poço tubular sem autorização.	D3	01
O meio ambiente do bairro é avaliado negativamente porque há muita poluição sonora.	D4	01
A prefeitura não está cuidando do meio ambiente.	D6	01
A qualidade do meio ambiente melhorou, pela redução dos buracos na rua.	D7	01
Bairro tranquilo, pela baixa incidência de roubos.	D9	01
Falta planejamento e infraestrutura de trânsito, como sinalização, passarela, ponto de ônibus.	D10	01
A construção do balneário público às margens do rio de Pedras é um ponto positivo.	D16	01

Fonte: Pesquisa de Campo.

Ao descreverem o meio ambiente do bairro Santa Cruz, a essência que se destacou, com sete ocorrências, conforme Tabela 2, estava relacionada à problemática do lixo nas ruas e em terrenos baldios, conforme a descrição:

Eu não me dou muito com os vizinhos não, porque eu gosto muito de limpeza, gosto da frente de minha casa toda arrumadinha, toda limpinha, tudo organizadinho, e tem uns vizinhos muito bagunceiros (Sujeito D12).

A essência ainda mostra que, para os sujeitos, há falta de consciência da população e de interesse do poder público em resolver essa questão, conforme pode ser visualizado nas descrições a seguir:

Eu vejo o meio ambiente como ruim [...]. A questão da educação, tanto das pessoas como do poder público, que não faz nada para tirar os resíduos de material como borracha, sacola que a gente vê jogado nos terrenos baldios. Eu não vejo preocupação nenhuma, tanto das pessoas como do poder público (Sujeito D17).

O meio ambiente precisa melhorar muita coisa. Mais organização, coleta de lixo. A gente vê lixo por todo lugar. Tem coleta, mas o povo coloca o lixo nos outros dias, ai os cachorros rasgam as sacolas e espalham o lixo, e o vento carrega [...] (Sujeito D20).

Os termos “lixo” e “resíduos sólidos” são tratados como sinônimos neste trabalho. Para Rodrigues (1998, p. 154), o lixo descartado nas ruas e em terrenos baldios é considerado como “lixo urbano” e corresponde “aos agregados de materiais do consumo da população - lixo doméstico e o das atividades essenciais da dinâmica urbana - varrição, podas de árvores, etc.”. A problemática

ambiental gerada pelo lixo está presente em boa parte das cidades brasileiras, sendo de difícil solução, haja vista a disposição indiscriminada e desordenada de grande quantidade de resíduos em locais indevidos, como ruas e lotes baldios.

Segundo Rodrigues (1998), o lixo é considerado um dos grandes problemas das sociedades contemporâneas, sendo de competência do poder público local o gerenciamento do lixo produzido nas cidades, compreendendo a coleta, a limpeza pública e a destinação final dos resíduos. Este também é mais um problema causado pela especulação imobiliária, porque os vazios urbanos tornam-se, frequentemente, locais de disposição irregular de resíduos.

A “carência de árvores no bairro e necessidade de arborização” para a melhoria do ambiente também foi uma essência que teve expressividade, com seis ocorrências. Como se observa nas descrições a seguir, os sujeitos relacionam a qualidade ambiental com a boa arborização, informando que o meio ambiente “precisa melhorar” devido à pequena quantidade de árvores no bairro.

Precisa melhorar, não temos muita árvore, precisa plantar mais, foi muito desmatado e precisa fazer o replantio das árvores (Sujeito D2).

Tem que melhorar muita coisa, o meio ambiente daqui está muito precário. Assim, falta muita árvore que não tem aqui no bairro, não tem muita sombra, acho que tem que melhorar muita coisa [...] (Sujeito D10).

Segundo Batista (2006), as árvores, muito além de desempenhar apenas um papel estético na composição urbana, têm funções múltiplas que podem contribuir de maneira efetiva na promoção de melhorias na qualidade ambiental das cidades, pois podem atuar na melhoria da qualidade do ar, nas questões de melhoramento microclimático, na qualidade da ambientação das áreas verdes, no quesito da redução da poluição sonora e ambiental. Assim, as diferenças entre as áreas arborizadas e aquelas desprovidas de arborização nas cidades são facilmente percebidas, sendo os locais arborizados muito mais agradáveis aos sentidos humanos (RODRIGUES et al., 2010).

Do outro lado no bairro Mimoso é bem mais rico, assim em árvores, no verde e em limpeza nas ruas [...] (Sujeito D16).

Além dos benefícios apresentados, a vegetação, segundo Godoy (1995), ainda exerce influência sobre o estado psicológico humano. Afirma que o verde das folhas pode produzir um efeito tranquilizador e, devido a sua relação com o exercício do lazer, desempenhar um papel positivo ao psiquismo da população urbana. Tuan (1980), também relata que a sociedade moderna precisa do contato direto de envolvimento suave e inconsciente com a natureza para a criação de laços topofílicos.

Desse modo, verifica-se que a arborização pode ser considerada como um dos elementos essenciais para a melhoria da qualidade ambiental urbana e, conseqüentemente, da qualidade de vida dos seus moradores. Para Lacerda et al. (2010), essas informações evidenciam que a arborização urbana deve fazer parte dos programas de governo das prefeituras, já que a qualidade do meio ambiente vai refletir no bem estar e na qualidade de vida dos munícipes.

A terceira essência mais representativa, com quatro ocorrências, diz respeito à problemática do esgoto a céu aberto, visto que o bairro ainda não tem sistema de esgotamento sanitário funcionando. Essa informação demonstra que a população também se sente incomodada com a ausência desse serviço de saneamento básico, principalmente por relacionar o esgoto a céu aberto com problemas na saúde pública. Dessa maneira, a falta de sistema de esgotamento sanitário indicaria que o ambiente não é “saudável”, além do mau cheiro, que pode ser percebido facilmente pelos próprios moradores.

Luís Eduardo Magalhães é uma cidade que apresenta acelerado crescimento populacional, gerando, conseqüentemente, a expansão acelerada da sua malha urbana, o que pode contribuir para o descompasso entre urbanização e instalação de infraestrutura urbana. A relação entre saneamento,



saúde e desenvolvimento é bastante clara. Heller (1998) traz que em geral, países com mais elevado grau de desenvolvimento apresentam menores carências de atendimento de suas populações por serviços de saneamento. Ao mesmo tempo, países com melhores coberturas por saneamento têm populações mais saudáveis, o que por si só constitui um indicador de nível de desenvolvimento.

Lynch (1999) relata que a população precisa de um ambiente com boa higienização para evitar riscos à saúde. Para este autor,

Um bom aglomerado populacional é aquele em que os riscos, os tóxicos e as doenças estão ausentes ou controlados, em que é reduzido o medo de encontrar qualquer um destes elementos. É um ambiente fisicamente seguro. A concretização da segurança envolve problemas de poluição do ar e da água, contaminação dos alimentos, presença de tóxicos, supressão de doença e dos vetores de doença [...]. (LYNCH, 1999, p. 119).

Silva (2010, p. 18) complementa, ao realizar uma abordagem perceptiva a partir das categorias de Kevin Lynch, que “quando se fala da saúde pública, pode se perceber que as pessoas sempre estão insatisfeitas quanto a esse serviço, pois o mesmo é de fundamental importância, isto é, esse serviço é necessário para que haja prazer em viver no local”.

Dois sujeitos disseram não saber explicar sobre o meio ambiente do bairro, mesmo sendo motivados a descrevê-lo de alguma forma. Esse suposto desconhecimento sobre meio ambiente está relacionado, especialmente, a um desconhecimento conceitual, sobretudo pelo fato deste termo ser de uso relativamente recente na linguagem do senso comum (nas últimas décadas). Isso mostra que a noção de meio ambiente, assim como é abordada pelo viés científico e midiático na atualidade, ainda não é algo compartilhado pelos cidadãos em sua totalidade, sobretudo entre aqueles particularmente mais idosos. Todavia, isso não quer dizer que tais pessoas de fato desconheçam, na prática, o que conceitualmente é nominado de meio ambiente.

A parte ambiental, de meio ambiente, eu desconheço. Se eu te falar alguma coisa estarei mentindo (Sujeito D18).

O “excesso de poeira no bairro, pela falta de pavimentação nas ruas” foi uma essência identificada que teve duas ocorrências, principalmente porque muitas ruas do bairro ainda não possuem pavimento, o que pode afetar a saúde da população a partir de doenças respiratórias. Além disso, traz implicações sobre o trabalho de limpeza doméstica, que também está relacionado à qualidade ambiental e de vida.

[...] olham como está essa cidade abandonada, olha a sujeira, a poeira é tudo isso (Sujeito D8).

As demais essências apareceram apenas uma vez. Destas, boa parte tratavam de problemas ambientais, conforme a descrição abaixo, que aborda a poluição sonora excessiva no bairro, referente à essência “o meio ambiente do bairro é avaliado negativamente porque há muita poluição sonora”:

[...] tudo aqui é bagunçado, as convivências, você não pode ter sossego. Mau vizinho, é uma zoeira só [...] (Sujeito D4).

O “funcionamento de empreendimentos comerciais fora das normas, que jogam esgoto na rua e perfuram poço tubular sem autorização” também foi uma essência que surgiu, talvez pelo fato de algumas empresas não adotarem práticas adequadas quanto ao manejo de efluentes líquidos e os órgãos públicos competentes não exercerem uma fiscalização mais eficiente nos empreendimentos da cidade. Verifica-se essa preocupação na descrição a seguir:

Meio ambiente temos aqui uma rede de esgoto que não tá funcionando, temos a questão dos lava jatos que funcionam sem uma padronização para funcionar, sem fiscalização, jogando água no meio da rua, muitas vezes furando poço a todo de qualquer jeito. [...] (Sujeito D3).

A essência “a prefeitura não está cuidando do meio ambiente” também surgiu em decorrência da possível passividade do poder público em resolver os problemas relacionados ao meio ambiente. No entanto, teve-se também a essência “a qualidade do meio ambiente melhorou, pela redução dos buracos na rua”, que relaciona a questão ambiental ao melhoramento da infraestrutura das ruas do bairro. Verificar descrições seguintes:

Não é bem cuidado não, infelizmente. Essa área não está bem cuidada. Eu acho que a prefeitura devia fazer era cuidar melhor, não tá cuidando. Infelizmente, me perdoe os líderes da cidade, mas não está sendo cuidado. Você pode andar no bairro e perceber muitas falhas, que são várias eu não vou apontar senão vai tomar muito tempo, mas se você mesmo andar vai ver que existem muitas falhas, necessita muito da prefeitura mais junto do povo (Sujeito D6).

Sobre o meio ambiente é o seguinte, é que administração do prefeito pegou agora e não tem como o cara fazer tudo de uma hora pra outra. Mas melhorou muito essa rua aqui tudo era ruim, era só buracada. Melhorou muito (Sujeito D7).

Outro sujeito descreve o meio ambiente do bairro pelo viés da segurança, referente à essência “bairro tranquilo, pela baixa incidência de roubos” e outro pelo viés do trânsito, ligado à essência “falta planejamento e infraestrutura de trânsito, como sinalização, passarela, ponto de ônibus”, respectivamente:

[...] Pelo menos o bairro aqui onde eu moro é muito quieto, graças a Deus. Lá pra baixo vejo dizer que é muito bagunçado. Mas aqui graças a Deus é muito quieto. Aparece de vez em quando um roubozinho, mas muito difícil. [...] (Sujeito D9).

[...] Precisamos de [...] pontos de ônibus apesar de que não tem na cidade inteira, mas aqui tá precisando de mais. Passarela daqui para o Centro porque acontece muito acidente, sinalização. O trânsito daqui é horrível. Apesar de ter melhorado bastante, mas tá precisando bastante de outras (Sujeito D10).

Por fim, identificou-se a essência “a construção do balneário público às margens do rio de Pedras é um ponto positivo”, que aborda questões de lazer, pois a prefeitura está construindo, às margens do Rio de Pedras, um balneário público que irá beneficiar, principalmente, os moradores locais, devido à proximidade.

Do outro lado no bairro Mimoso é bem mais rico, assim em árvores, no verde e em limpeza nas ruas. Aqui no Santa Cruz é mais bagunçado, mais desorganizado nesse termo. O ponto positivo é o balneário que estão construindo, que do outro lado não tem (Sujeito D16).

Em geral, ao serem levadas a descrever o meio ambiente do bairro, as pessoas emitiram descrições que evidenciaram os problemas ambientais do local, problemas estes que os afetam diretamente, que causam desconforto. Verificou-se também, que os moradores mais recentes tendem a possuir percepções mais negativas, enquanto moradores mais antigos normalmente demonstram percepções mais positivas, embora isso não seja uma regra. Isso pode ocorrer devido àqueles primeiros moradores conseguirem perceber as melhorias ao longo do tempo, talvez por terem mais raízes no local e ficarem contentes e esperançosos por isso.



Além disso, em Santos e Souza (2014), os autores chegaram à conclusão de que os moradores do bairro Santa Cruz, em sua maioria, percebem a qualidade ambiental do bairro como ruim, principalmente em comparação aos demais setores da cidade. Para eles, isso pode ser justificado, dentre outras coisas, pela infraestrutura ainda precária do bairro e pelos altos índices de criminalidade, prostituição e drogas ainda flagrantes, que podem despertar sentimentos topofóbicos nos sujeitos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa evidenciou que os sujeitos participantes geralmente percebem de modo mais claro e intenso os aspectos do bairro Santa Cruz relacionados à infraestrutura, às questões sociais e à saúde pública, enquanto questões como de esgoto a céu aberto, de lixo nas ruas e de outros tipos de poluição ambiental são pouco percebidas. Isso pode ocorrer devido estas questões não serem prioridade para os moradores, que têm necessidades mais urgentes para resolver, principalmente relacionadas ao trabalho/emprego, à moradia, à saúde e à segurança.

Assim, pensam primeiro no próprio bem estar e/ou qualidade de vida, especialmente em curto prazo, o que, todavia, não está desconectado do aspecto ambiental. Além disso, o bairro é uma área de ocupação popular e historicamente pouco provida de infraestrutura urbana, o que justifica essas percepções. Caso a pesquisa fosse realizada em outro bairro, onde as demandas públicas são menores e a infraestrutura mais consolidada, os aspectos tipicamente ambientais e de médio/longo prazos talvez surgissem com maior prioridade na percepção dos moradores.

Os problemas ambientais mais percebidos pelos moradores dizem respeito à disposição inadequada de lixo nas ruas e em terrenos baldios; à carência de árvores, ao esgoto escorrendo a céu aberto pela falta de sistema de esgotamento sanitário; à poluição sonora excessiva e à poeira ocasionada pela falta de pavimentação de muitas ruas do bairro.

O meio ambiente do bairro é percebido em face dos problemas ambientais, que interferem diretamente na vida das pessoas, afetando seu bem estar, e não porque podem trazer danos à natureza e, posteriormente, atingi-los. Nesse caso, verifica-se que o ambiente é percebido, especialmente, pelo seu viés utilitário aos seres humanos. Tais resultados revelam, portanto, importantes nuances a serem observadas no escopo das iniciativas públicas sobre o ambiente e a população do bairro, em especial quanto à educação ambiental e aos demais processos de comunicação voltados à gestão ambiental urbana.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

- AMORIM FILHO, O. B. Topofilia, topofobia e topocídio em MG. In: DEL RIO, V.; OLIVEIRA, L. (Orgs). **Percepção ambiental** – a experiência brasileira. 2. ed. São Paulo: Studio Nobel; UFSCar, 1999. p. 139-52.
- BATISTA, P. T. **O meio ambiente, as cidades, as árvores urbanas e a SBAU**. Brasília, DF: Sociedade Brasileira de Arborização Urbana, 2006.
- BELLO, A. A. **Introdução à Fenomenologia**. Bauru, SP: EDUSC, 2006.
- CARVALHO, D. S. **Percepção da qualidade ambiental em Aveiro**: estudo das reclamações ambientais. 2007. 217 f. Dissertação (Mestrado em Gestão e Políticas Ambientais) - Universidade de Aveiro, Aveiro, Portugal.
- DEL RIO, V.; OLIVEIRA, L. (Orgs). **Percepção Ambiental**: a experiência brasileira. 2. ed. São Paulo: UFSCAR/Studio Nobel, 1999.
- FAGGIONATO, S. **Percepção Ambiental**. São Carlos, SP: USP, 2010.
- FERREIRA, C. P. **Percepção ambiental na Estação Ecológica de Juréia-Itatins**. 2005. 114 f. Dissertação (Mestrado em Ciência Ambiental) - Universidade de São Paulo, São Paulo, SP.
- GIORGI, A. Sobre o método fenomenológico utilizado como modo de pesquisa qualitativa nas ciências humanas: teoria, prática e avaliação. In: POUPART, D. et. al. (Org). **A pesquisa qualitativa**: enfoques epistemológicos e metodológicos. Petrópolis: Vozes, 2008.

- GODOY, A. L. P. **Cidade e Meio Ambiente**: o planejamento da arborização de Pirassununga. 1995. 196 f. Dissertação (Mestrado em Geociências) - Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Rio Claro, SP.
- GOMES, M. A. S.; SOARES, B. R. Reflexões sobre a qualidade ambiental urbana. **Estudos Geográficos**, Rio Claro, v. 2, n. 2, p. 21-30, jul-dez 2004.
- HELLER, L. Relação entre saúde e saneamento na perspectiva do desenvolvimento. **Ciência e Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, 1998, v.3, n.2, p. 73-84.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. Site Oficial. Rio de Janeiro: IBGE, 2011a. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/xtras/perfil.php?codmun=291955>>. Acesso em: 26 jul. 2011.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. **Luís Eduardo Magalhães - BA**. Rio de Janeiro: IBGE, 2011b. Disponível em: <<http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/dtbs/bahia/luiseduardomagalhaes.pdf>>. Acesso em: 15 ago. 2011.
- LACERDA, A. B. M. et al. Ambiente Urbano e Percepção da Poluição Sonora. **Ambiente & Sociedade**, v. VIII, n. 2, jul./dez. 2005.
- LACERDA, N. P. et al. Percepção dos residentes sobre a arborização da cidade de São José de Piranhas - PB. **REVSBAU**, Piracicaba – SP, v.5, n.4, p.81-95, 2010.
- LUÍS EDUARDO MAGALHAES. CÂMARA MUNICIPAL. **Lei nº 255**, de 14 de junho de 2007: aprova o Plano Diretor de Luís Eduardo Magalhães, define o perímetro urbano, o uso e ocupação do solo urbano e dá outras providências. Luís Eduardo Magalhães: Câmara Municipal, 2007.
- LYNCH, K. **A boa forma da cidade**. Lisboa: Edições 70, 1999.
- MACHADO, L. M. C. P. Percepção de paisagem e conflitos sociais na serra do Cubatão, SP. **Boletim de Geografia - UEM**, v. 8, n. 1, set. 1990.
- MIRANDA, N. M. **Percepção ambiental dos proprietários rurais do município de Palmas (TO)**: subsídios para o licenciamento ambiental. 2010. 128 f. Dissertação (Mestrado em Ciências do Ambiente) - Universidade Federal do Tocantins, Palmas, TO.
- MOREIRA, D. A. **O método fenomenológico na pesquisa**. São Paulo: Pioneira Thompson, 2002. 152 p.
- MOREIRA, D. A. Pesquisa em administração: origens, usos e variantes do método fenomenológico. **Cadernos de Pós-Graduação**, São Paulo, v. 3, n. 2, especial RAI, p. 225-237, 2004.
- MUCELIN, C. A.; BELLINI, M. Lixo e impactos ambientais perceptíveis no ecossistema urbano. **Sociedade & Natureza** (on line), Uberlândia, v. 20, n.1, p. 111-124, jun. 2008.
- OKAMOTO, J. **Percepção Ambiental e Comportamento**. São Paulo: Plêiade, 1996. 200 p.
- OLIVEIRA, A. A. **Desigualdades sócio-espaciais na cidade do agronegócio**: um estudo de caso em Luís Eduardo Magalhães - BA. 2012. 118 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Geografia) - Universidade Federal da Bahia, Instituto de Ciências Ambientais e Desenvolvimento Sustentável, Barreiras, BA.
- RODRIGUES, A. M. **Produção e consumo do e no espaço**: problemática ambiental urbana. São Paulo: Hucitec, 1998.
- RODRIGUES, T. D. et al. Percepção sobre arborização urbana de moradores em três áreas de Pires do Rio - Goiás. **Revista de Estudos Ambientais**, Blumenau, SC, IPA/FURB, v.12, n. 2, p. 47-61, jul./dez. 2010.
- SANTOS, C. C. M. Os cerrados da Bahia sob a lógica do capital. **Revista IDEAS**, Interfaces em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade, v. 2, n. 1, p. 76-108, jan./jun. 2008.
- SANTOS, F. P.; SOUZA, L. B. Diagnóstico dos problemas ambientais urbanos de Luís Eduardo Magalhães (BA) por meio da análise das reclamações ambientais registradas na Secretaria Municipal de Meio Ambiente. **Ateliê Geográfico**, v. 7, n. 3, p. 110-133, dez/2013.
- SANTOS, F. P.; SOUZA, L. B. Percepção da qualidade ambiental urbana no bairro Santa Cruz em Luís Eduardo Magalhães (BA). **Ateliê Geográfico**, v. 8, n. 2, p.168-197, ago/2014.
- SANTOS, F. P.; MARQUES, A. C. O.; SOUZA, L. B. Novos tempos e espaços no Brasil Central: reflexões sobre a expansão da agricultura e suas implicações geográficas no Oeste Baiano e arredores. **Brazilian Geographical Journal: Geosciences and Humanities research medium**, v. 5, n. 2, p.415-439, jul./dec. 2014.



SILVA, L. R. A **“boa forma” da Avenida Beira Rio, Porto Nacional (TO)**: uma abordagem perceptiva a partir das categorias de Kevin Lynch. 2010. 48 f. Monografia (Curso de Geografia) - Universidade Federal do Tocantins, Campus de Porto Nacional, Porto Nacional, TO.

SOUZA, L. B. **Percepção dos riscos de escorregamentos na Vila Mello Reis, Juiz de Fora (MG)**: contribuição ao planejamento e à gestão urbanas. 2006. 201 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, SP.

SOUZA, L. B. Percepção ambiental e a fenomenologia de Husserl: um exercício de reaproximação. In: SILVA, V. C. P.; CORCÍNIO JÚNIOR, G. (Orgs.) **Natureza e representações imaginárias**. Curitiba: Apriis, 2013. p. 35-51.

TUAN, Y. **Topofilia**: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. São Paulo: Difel, 1980.

TUAN, Y. **Espaço e lugar**: a perspectiva da experiência. São Paulo: Difel, 1983. 250 p.

UNESCO. **Rapport final du group d’experts sur le project 13: la perception de la qualité du milieu dans le Proramme sur l’homme et la biosphère (MAB)**. Paris: UNESCO, 1973. 79 p. (Série des Rapports du MAB, 9).

VIEIRA, V. S. **O governo local e a promoção econômica a partir do marketing territorial no município de Luís Eduardo Magalhães/Bahia**. 2007. 170 f. Dissertação (Mestrado em Cultura, Memória e Desenvolvimento Regional) - Universidade do Estado da Bahia, Santo Antonio de Jesus, BA.

ZILLES, U. Fenomenologia e teoria do conhecimento em Husserl. **Revista da Abordagem Gestáltica**, Goiânia, v. XIII, n. 2, p. 216-221, 2007.